



ECOMUSEU URBANO: O ATO DE IMPLANTAR

URBAN ECOMUSEUM: THE ACT OF IMPLANTING

Cláudia Vicari Zanatta
UFRGS

Artista. Prof. do Dep. de Artes Visuais/IA/UFRGS, onde atua no Bach. e Lic. em Artes Visuais e no PPGAV-UFRGS. Coordena o Grupo de Pesquisa CNPq Arte pública participativa: articulação entre poética e cidadania, onde desenvolve a pesquisa Poéticas da Participação. Membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Email: claudia.zanatta@ufrgs.br . ORCID: <https://orcid.org/00-0003-1312-6203> . Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4580841303139412>

Oswaldo (Vado) Vergara Borges
UFRGS

Artista visual formado em Produção Audiovisual pela PUC-RS, Mestre e Doutorando em Poéticas Visuais pelo Instituto de Artes, PPGAV, UFRGS. Desenvolve pesquisa voltada à arte contemporânea e cidade e participa do Grupo de Pesquisa CNPq Arte pública participativa: articulação entre poética e cidadania. Email: vadovergara@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9153-5456> . Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9824357910579177>

RESUMO

Em *O Ato de Implantar* enfoca-se as três etapas que compõem os plantios realizados pelo Ecomuseu Urbano, incursão existencial dos artistas Cláudia Zanatta e Vado Vergara, como ação poética na contemporaneidade. Propõe-se a noção de bioma Urbano estabelecendo relações entre os conceitos de ecótono, bioma, cidade e arte como experiência cotidiana. Ao estabelecer a relação de *O Ato de Implantar* com a escrita como ação poética que se faz no visível e no não-visível, operamos a partir da aproximação de conceitos específicos, metodologias e referências teóricas, propondo que o próprio pensamento seja a entrega artística.

PALAVRAS-CHAVE

Ecomuseu. Bioma Urbano. Ecótono. Cidade. Arte Contemporânea.

ABSTRACT

O Ato de Implantar focuses on the three stages that make up the planting carried out by the Urban Ecomuseum, an existential incursion by the artists Cláudia Zanatta and Vado Vergara, as a poetic action in contemporary times. It proposes the notion of an urban biome, establishing relationships between the concepts of ecotone, biome, city and art as an everyday experience. By establishing the relationship between *O Ato de Implantar* and writing as a poetic action that takes place in the visible and the non-visible, we operate from the approximation of specific concepts, methodologies and theoretical references, proposing that thought itself is artistic delivery.

KEYWORDS

Ecomuseum. Urban Biome. Ecotone. City. Contemporary Art.



INTRODUÇÃO - O Ato de Implantar

O Ecomuseu Urbanoⁱ, incursão existencial dos artistas Cláudia Zanatta e Vado Vergara, tem como essência, entre diversas ações artísticas, a realização de plantios no espaço urbano, em Porto Alegre, local que habitamos. Neste artigo refletiremos sobre o procedimento que denominamos *O Ato de Implantar*.

O território no qual Porto Alegre se situa faz parte do bioma Pampa junto à Mata Atlântica, a qual, atualmente, devido a ação antrópica, está residualmente concentrada em pontos específicos do município. O Pampa e a Mata Atlântica são considerados biomas, sendo estes definidos como um

[...] conjunto de vida vegetal e animal, constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação que são próximos e que podem ser identificados em nível regional, com condições de geologia e clima semelhantes e que, historicamente, sofreram os mesmos processos de formação da paisagem, resultando em uma diversidade de flora e fauna. (Azevedo, 2024, *sp.*)

A partir desse conceito do campo da biologia, propomos neste artigo pensar a existência de um bioma Urbano ao olharmos para a cidade. Seria possível pensarmos no contemporâneo o urbano como um bioma? O que acontece quando diferentes biomas constituem um mesmo território? Poderíamos entender bioma Urbano como uma complexidade que floresce sob a forma de cimento e gesso em edificações, em fios de cabos elétricos nos quais plantas crescem espontaneamente, na tubulação subterrânea que é implantada para transferência de dados e se enreda com raízes vegetais, nos fluxos de veículos e pessoas, nos pássaros que sobrevoam e nidificam ao lado de câmeras de vigilância, no ruído intenso que polui a urbe, nas diferentes espécies de árvores plantadas nas ruas sob postes de luz, no rio (poluído) que atualmente abastece e inunda a cidade que se adapta e incorpora biomas considerados naturais ao mesmo tempo em que se desenvolve sobre biomas já extintos?



Podemos entender o bioma Urbano, como um bioma feito de muitos “biomas”, na sua busca de sistematizar a cidade em territórios definidos, organizando as inúmeras cidades que o compõem (espécies de cidades simbólicas dentro de uma cidade, organismo vivo)?ⁱⁱ Stefano Mancuso, em seu livro *A Planta do Mundo*, citando a teoria sobre o planejamento urbano proposta pelo botânico Patrick Geddes (1854 - 1932), aponta que:

[...] cada cidade deve ser tomada, para todos os efeitos como um ser vivo, fruto de sua história, da interação com o meio ambiente, dos edifícios e das redes sociais, econômicas e ecológicas que a compõem. Cada função que ela apresenta, por mais particular que seja, pode ser assimilada às funções vitais internas de um organismo vivo. (Mancuso, 2021, p.57)

A cidade como organismo vivo está em crescimento desmedido de contínua mutação, organizado em (inter)zonas com distinções socioeconômicas, nas quais o capital injetado é bombeado em um "sistema de oxigenação e sufocamento" de fluxo controlado, ou nas palavras de William Burroughs “Todos os sistemas de controle tentam fazer do controle o mais firme possível, mas, ao mesmo tempo, se eles realizassem isso completamente, não restaria nada mais para controlar” (BURROUGHS, 2021, p.144). De um lado, se evidencia um acúmulo excedente de energia que transcende as próprias possibilidades de gastos em vida, e, por outro lado, se fomenta em sobrevivência e loucura outras formas de existência em contínua adaptação à miséria, levando-as a um consumo mínimo que as mantém produtivas nos sempre renovados limites da condição de degradação.

Nessa escrita, *O Ato de Implantar* - em biomas que continuamente alteramos para habitar, extrair e consumir - irrompe também como um questionamento acerca das noções habituais de um processo de plantio no urbano ao propor as três etapas que o compõem como fluxos que se fazem entre o visível e o não visível, o possível e o absurdo, em meio a diversas inquietudes que movimentam o pensamento como ação artística que ocorre a partir de uma abertura na fina camada da superfície da cidade.



Imagem 1 - O Ato de Implantar. Demarcar. Praça da Alfândega, Porto Alegre, 2024. Registro acervo Ecomuseu Urbano

No presente texto serão enfocadas as 3 etapas do procedimento de *O Ato de Implantar*: Cavar, Plantar/Enterrar e Vingar - abordando técnicas, ações, referências poéticas e conceitos específicos. Em todas as ações do *Ecomuseu Urbano*, “[...] da intenção à realização” (DUCHAMP *apud* BATTCOCK, 2008, p.73), primeiramente se caminha na cidade, observa-se o solo e se determina um espaço para demarcar um lugar para os plantios - um(a) técnico(a) da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Urbanismo e Sustentabilidade de Porto Alegre (SMAMUS), demarca o local do plantio com uma estaca de madeira sinalizada com tinta vermelha (Imagem 1) -, os quais ocorrem principalmente nas praças de Porto Alegre, cidade que em seu planejamento, aterrou parcialmente um rio. Nesta urbe os plantios convivem com a adversidade, afetados tanto por uma terra em condições impróprias para o crescimento das espécies arbóreas devido ao solo aterrado, quanto pelas dinâmicas do espaço público. “Da adversidade vivemos!” (OITICICA, 1967, *sp*).

1: Cavar

Em *O Ato de Implantar*, a escolha de um lugar e de uma muda arbórea indicada para o espaço público é uma decisão que envolve diversos fatores, tais como:



território, planejamento urbano, paisagismo, conversa com prefeitos/as de praça e comunidade. Em um momento posterior ao da definição do local do plantio, nosso corpo e os corpos de participantes eventuais que se aproximam por interesses pessoais, se voltam em direção ao trabalho numa espécie de embate com a terra, empregando a energia necessária em esforço físico para perfurar o duro solo urbano. Medimos o espaço (Imagem 2) e recortamos com a pá ao rasgar no solo um quadrado de 60 cm de largura para cavar um buraco de 60 cm de profundidade.

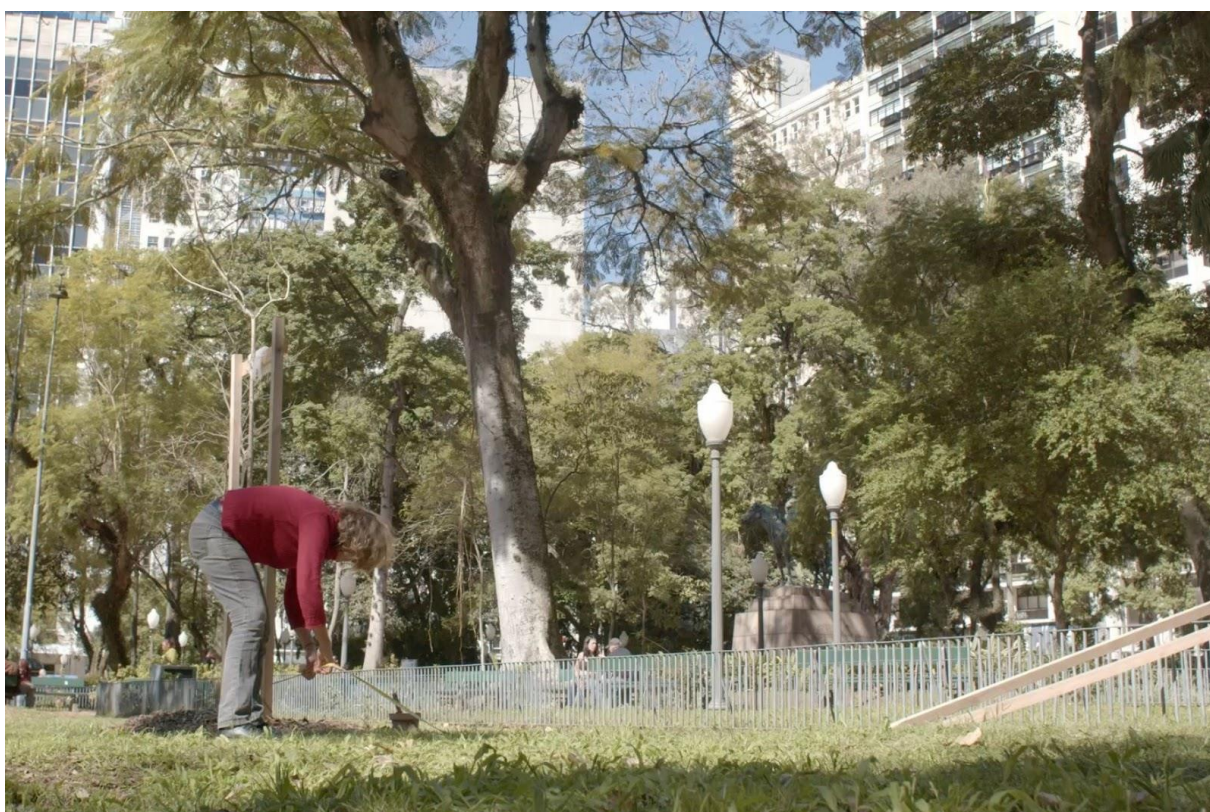


Imagem 2. *O Ato de Implantar. Delimitar.* Praça da Alfândega, Porto Alegre, 2024. Registro acervo do Ecomuseu Urbano

É importante ressaltar que, em *O Ato de Implantar*, não há a intenção de performarⁱⁱⁱ - "...foca-se sobre o desenvolvimento de ações cotidianas coladas à ideia de vida comum." (NARDIM, 2011, p.107) - mesmo que tal intenção possa ser cogitada por transeuntes que circulam nos espaços de fluxos e socialização da cidade e observam o procedimento; há, sim, a fisicalidade inerente a um plantio qualquer, com a intensificação de um esforço que se manifesta corporalmente de forma intensa no uso das ferramentas utilizadas na realização do trabalho em solo



aterrado. Cavar (Imagem 3), neste contexto, se faz no uso da pá e da picareta que possibilitam (es)cavar a terra como abertura de um espaço propício à evocação de forças que manifestam a(s) memória(s) da cidade, a qual em seu subterrâneo abriga vestígios residuais de diferentes tempos que causam estranhamento no tempo atual.



Imagem 3. *O Ato de Implantar. Cavar.* Praça da Alfândega, Porto Alegre, 2024. Registro acervo Ecomuseu Urbano

"E não há dúvida de que aquele que escava deve fazê-lo guiando-se por mapas do lugar. Mas igualmente imprescindível é saber enterrar a pá de forma cuidadosa e tateante no escuro reino da terra." (BENJAMIN, 2018, p.219) No (es)cavar, haverá sempre inquietação no espaço em que a pá não alcança, uma perturbação do(s) tempo(s) abaixo do grão de terra que vemos na superfície que cobre o que o olho não apalpa. Sempre que se retira terra, haverá mais terra sob o que a pá alcança. "...a profundidade daquilo que é sem fundo." (BLANCHOT, 2016, p.27). Nesta etapa de *O Ato de Implantar*, abaixo da superfície, encontramos soterradas raízes de outras plantas e resíduos de plantas arquitetônicas que trazem memória(s) de outras cidades que precederam a que hoje habitamos (Imagem 4).



Imagem 4. *O Ato de Implantar. (es)cavar. Praça da Alfândega, Porto Alegre, 2023. Registro acervo Ecomuseu Urbano.*

2: Plantar/Enterrar

O conceito de ecologia foi criado por Ernst Haeckel, em 1869, para designar a ciência que estuda as relações entre seres vivos e meio ambiente, termo que se popularizou a partir dos movimentos ambientalistas da década de 60 do século XX. Ao relacionar o termo cunhado pelo cientista alemão ao contexto da pesquisa, neste processo de revolver o terreno da memória, usamos nossas ferramentas para (es)cavar a linguagem e refletir sobre o espaço que habitamos. O termo *eco* deriva originalmente da palavra grega *oikos*, que significa, por sua vez, *casa*. *Logos*, significa teoria, estudo. Ecologia, portanto, seria o “estudo da casa” ou estudo do ambiente habitado, o estudo do lugar onde se vive.

No urbano, na medida em que uma planta cultivada desde a semente em um viveiro, é deslocada desse lugar e plantada em uma praça como sua nova morada, esse processo - da germinação ao plantio - faz parte de um contexto em que tudo é determinado pela mão humana. Plantar na cidade se dá como prática da cultura. Nos afastamos cada vez mais, então, enquanto cultivo de cidade, dos biomas considerados naturais, constituídos, entre outros fatores, predominantemente por



dinâmicas de crescimento vegetal espontâneo e, mediante todo o plantio realizado no espaço público, inserimos indivíduos arbóreos na paisagem em contextos de tensão inerentes às questões da nossa “casa”.



Imagem 5. *O Ato de Implantar. Plantar.* Praça da Alfândega, Porto Alegre, 2024. Registro acervo Ecomuseu Urbano

Em *O Ato de Implantar*, uma muda com o fuste de aproximadamente 1,80m de altura pressiona, com suas raízes que se espriam em um torrão de terra, o recipiente no qual esteve confinada por certo tempo. Com uma faca, rompemos o invólucro circular de plástico que até então a hospedava, preservando a terra vinda de um lugar desconhecido (Imagem 5). O torrão com a muda enraizada é acomodado no buraco, e um pássaro morto - encontrado em uma das caminhadas do Ecomuseu Urbano pela cidade - é colocado junto às raízes da planta. Em *O Ato de Implantar* o tensionamento do conceito tradicional de plantio, neste procedimento poético, se faz na relação da aproximação da avifauna à espécie arbórea que, com suas raízes, enreda o pássaro que se desmaterializa.



À medida em que realizamos *O Ato de Implantar*, se apresentam muitas situações externas que trazem apoio e estímulo, mas também, adversidades: pessoas narram memórias suscitadas por experiências no espaço público ou por sensações evocadas pelo plantio, indivíduos requisitam as ferramentas para participarem ativamente de *O Ato de Implantar*, transeuntes questionam sob diversos aspectos o impacto da arborização no urbano, vigilantes da segurança municipal, que através da observação por monitoramento de câmeras, se aproximam de carro e nos solicitam uma Autorização Especial de Plantio de Árvore (AEPA)^{iv}, instâncias municipais de diferentes órgãos e secretarias que preveem distintos usos desses espaços de socialização e cogitam interferir no resultado da ação.

Observamos que outras ocorrências além das listadas acima são específicas do procedimento *O Ato de Implantar*, embora tais manifestações não sejam diferentes de outros gestos e atos cotidianos que causam tensão nas políticas de controle do espaço urbano. A palavra *tensão* deriva do termo de origem grega *tono/tonus*. É a partir da junção do termo *tonus* com o prefixo *eco*, que é criado o conceito de *ecótono*^v pelo botânico Frederic Clements, em 1905. Ecótono, portanto, significa "tensão na casa", e se refere a uma zona em que dois ou mais biomas/comunidades diferentes entram em contato. O ecótono é a zona de contato em que se dá a passagem de um bioma/comunidade ao outro.

Nesta área proliferam diferenças. Aí podem surgir espécies que não existiam antes que os dois sistemas entrassem em contato. As duas zonas distintas quando se aproximam estabelecem relações. Os sistemas nestas relações tanto podem tentar manter suas individualidades, como gerar algo que não é de um nem de outro: podem brotar aí elementos e situações muito distintas dos dois sistemas que os geraram. (Zanatta, 2013, *sp.*)

No ecótono há também a convivência das espécies oriundas de distintos biomas/comunidades, e é neste cruzar de fronteiras dos diferentes sistemas, nesta zona de contato, que os tensionamentos se intensificam. No bioma Urbano, em que os ecótonos - formados a partir do contato entre diferentes biomas, na complexidade da cidade contemporânea - agem em relações de dominação e sujeição, em uma razão proposta pela ordem que impera, qualquer tentativa de diferenciação se torna



rasa; distinguir, por exemplo, o que pertence a um bioma natural e o que pertenceria a uma ação antrópica. No bioma Urbano - em que nada é de fácil categorização, definição e separação -, natureza, cultura e barbárie podem se confundir ao se aproximarem em um amálgama em que cada vez menos se faz possível demarcar fronteiras.

Em *O Ato de Implantar*, jogamos terra sobre as raízes da árvore e do animal morto plantados no buraco sobre outras cidades já enterradas, sobre os vestígios arquitetônicos soterrados; no presente, no quadrado aberto, o buraco ao ser fechado, engole as raízes da árvore e o animal. Misturamos a terra que estava na superfície do solo com a que estava no fundo do buraco, terra da cidade de agora e terras de cidades que a antecederam, biomas que existiam anteriormente. Tapamos o buraco depositando a terra revolvida de solo aterrado - calça, pedra portuguesa, etc - misturada com terra vegetal - esterco, resto de folhas, etc - , sobre as raízes da árvore embrenhadas no torrão e o animal morto. Nesse silêncio, um outro movimento se inicia: para cima e em direção à luz, a árvore, em meio ao espaço público, tenta crescer como um verde que se fixa e ascende. Abaixo, no escuro, as raízes se desenvolvem enquanto o animal se desfaz. A terra, lugar de germinação e de futuro reencontro, nos devorará - finitude e recomeço - em um buraco que desde já desassossega o pensamento. No enterrar, juntos, neste buraco como zona de tensão, raízes e pássaro são plantados em um escuro que fecunda o devorar mútuo nesta relação em que o pensamento germina como entrega artística.



Imagem 6. *Contra Bólido (Devolver a terra à Terra)*, 1979, Hélio Oiticica, Forma de madeira e terra. Registro Andreas Valentin

Em 1979, Hélio Oiticica, na proposição *Devolver a terra à Terra* (Imagem 6), retirou e transportou um quadrado de “terra boa” no Rio de Janeiro, do bairro Jacarepaguá a um aterro de lixo no bairro Caju, colocando-a em um marco de madeira, no chão:

O trabalho consiste em se retirar um quadrado de terra de um determinado lugar, no caso do bairro de Jacarepaguá, e transportá-lo em uma caixa de madeira para outro lugar: o aterro de lixo do Caju. Parece ecoar um inesperado Malevich nesse quadrado de terra sobre fundo de terra, como sugere Lisette Lagnado. Mas haveria algum sentido de fecundação simbólica nessa deposição de terra boa sobre um aterro de lixo? Ou será que, ao contrário, tratar-se-ia de uma cova? (Wisnik, 2017, p.102)

4. Vingar

Quando há o distanciamento de *O Ato de Implantar*, a árvore cresce e o pássaro se deteriora no espaço público enquanto nos afastamos para escrever. Ao nos afastarmos, o germinar do pensamento, em sua não visualidade e em infinitas possibilidades de enraizamento e crescimento, floresce como linguagem.



A escrita como ação poética, em contraponto à busca de uma linguagem enquanto palavra de ordem^{vi}, ao se lançar no desconhecido do não sabido, feita de lacunas e vacúolos, como um (es)cavar na camada da superfície do texto, se abre em potência. O (não) dito emerge de sensações e de percepções que questionam a linguagem e construção de sentido, em uma reescrita interminável em que outros (im)possíveis poderiam ter sido pensados enquanto possibilidade de palavra. No presente texto, a escrita como ação poética por si vinga como abertura da linguagem que se faz na tensão do pensar entre duas pessoas. De cavar ao (es)cavar, de tentativa em tentativa, de fresta em fresta, brechas brotam do não dito, trazendo outros entendimentos que extravasam o sentido que é atribuído em uma construção textual, quando escolhemos algumas palavras em meio a um infinito de outras possíveis.

A escrita, como ação poética se faz, então, no enraizar do pensamento na página à luz da superfície, não como uma fixidez, uma imobilidade, mas como um exercício de não colocar outra palavra de ordem no lugar da palavra de ordem, como abertura de uma fresta que escoe das suas membranas um entrelace de luz e sombra, imagem e palavra, em simbiose do visível com o não visível. O aparente absurdo – plantar o pássaro - que brota em *O Ato de Implantar*, resiste ao sentido único da razão da linguagem que nomeia, ao trazer à luz o obscuro do seu próprio tempo que se faz como vingança na possibilidade de deslocar o olhar do que a palavra de ordem mantém como naturalizado. O que está dado, como informação repetida inúmeras vezes no decorrer do tempo sem ser questionado, aprisiona um porvir na rigidez mórbida do passado, incorporado a uma estagnação do presente que ainda insiste em lhe atribuir o mesmo sentido. O texto como ação poética se faz como movimento incessante do próprio pensamento que, de vingança em vingança, se renova em escrita para manter-se vivo.

Em *O Ato de Implantar* o tensionamento do conceito tradicional de plantio se faz na relação da aproximação da avifauna à espécie arbórea, que com suas raízes enreda o pássaro que se desmaterializa. Em *O Ato de Implantar*, no escuro, a zona de contato entre o pássaro e as raízes produzem tensão ao pensamento (Imagem 7).



Ao nos afastarmos do cultivo em todas as suas etapas - da caminhada no espaço público até a manutenção da muda -, a espécie arbórea na cidade, com sorte, vingará por si mesma. Outros espaços e tempos, outras árvores e pássaros, outras tensões. A planta cresce e o pássaro se desintegra em um tempo lento e implacável, que independente de nós, não pergunta enquanto age.



Imagem 7 - O Ato de Implantar. Vingar. Praça da Alfândega, Porto Alegre, 2023. Registro acervo Ecomuseu Urbano.

Considerações Finais - No bioma Urbano, não há terra ruim. Há terra que não nos serve

Neste panorama, ao pensarmos a possibilidade de fresta na linguagem, sendo a ação poética o que põe em movimento o pensamento, “tensão na casa” passa a ser a condição habitual do bioma Urbano que, diferente dos biomas naturais que se fazem em contato por aproximação de zonas bem definidas, ocorre por competição em irradiações e contágios nos movimentos de expansão e contração, fluxos, intercâmbios, sobreposições de tempos e espaços em processos cada vez mais acelerados de construção e destruição.^{vii}



Em meio a essa complexidade, se pensarmos nos procedimentos de *O Ato de Implantar*, à medida em que introduzimos o pássaro em relação com a diversidade arbórea nativa constituinte do bioma considerado natural - que existia anteriormente em um local, - em meio a espécies pré-determinadas em um planejamento paisagístico que historicamente vem contemplando outras plantas, podemos considerar que há uma pequena e (im)perceptível alteração neste território.

Tal território se faz a partir de precariedades, inseguranças, resistências, necessidade de negociar espaços e tempos, atritos, ruídos e dissonâncias junto a conexões, intercâmbios, colaborações em um espaço a céu aberto, no qual outros ecótonos se formam (Imagem 8). Em uma perspectiva expandida, *O Ato de Implantar*, como procedimento da ação poética de plantios que se faz no espaço público, pode ser considerado, talvez, o que o próprio Oiticica, em meados dos anos 60, apontou como: "o museu é o mundo, é a experiência cotidiana". (OITICICA, 1986, p.79.)



Imagem 8. *O Ato de Implantar. Ecótono. Praça da Alfândega, Porto Alegre, 2024. Imagem do acervo do Ecomuseu Urbano*



Referências:

AZEVEDO, Ana Laura Moura dos Santos. **IBGE- Educa Jovens IBGE**. Definição disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-territorio/19635-ecossistemas.html#:~:text=Bioma%20%C3%A9%20um%20conjunto%20de,resultando%20em%20uma%20diversidade%20de> Acesso em: 22 abr. 2024

BENJAMIN, Walter. **Imagens de Pensamento**. Lisboa. Assírio & Alvim, 2018

BATTCOCK, Gregory. **A nova arte**. São Paulo. Editora Perspectiva, 2008

BLANCHOT, Maurice. **O Passo Além**. São Paulo: Lume, 2016

BURROUGHS, William. os limites do controle. **Revista VERVE** (São Paulo) n.39, p. 143-154, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/56573/38150>. Acesso em: 02 mai. 2024

FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020

MANCUSO, Stefano. **A planta do mundo**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos: autopoiese - A organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NARDIM, Thaise. As Atividades de Allan Kaprow: artes de agir, obras de viver. **Revista VALISE** (Porto Alegre) v.1, n.1, p. 105 – 117, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/19892>. Acesso em: 25 abr. 2024.

OITICICA, Hélio. Manifesto **Esquema Geral da Nova Objetividade**. Disponível em: <https://poro.redezero.org/biblioteca/textos-referencias/esquema-geral-da-nova-objetividade-helio-oitica/> Acesso em 20/04/2024

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

WISNIK, Guilherme Teixeira. Dentro do labirinto: Hélio Oiticica e o desafio do “público” no Brasil. **Revista ARS** (São Paulo) v. 15, n. 30, p. 95-110, 2017. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2017.132781>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/132781>. Acesso em: 20 abr. 2024.

ZANATTA, C. **Ecótono e Efeitos de Borda: Arte e Comunidade como Zonas de Atrito**. Tese (Doutorado em Espaço Público/Poéticas Visuais) – Programa de Arte Público, Universidad Politécnica de Valencia, Valencia, Espanha/Programa de Pós-Graduação em Poéticas Visuais (PPGAV), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, 2014. Disponível em: <https://cidadaniaearte.wixsite.com/ufrgs/ecotono-e-efeitos-de-borda-arte-e-c>. Acesso em: 28 abr. 2024

Notas:



ⁱ Ecomuseu Urbano é a incursão existencial dos artistas Cláudia Zanatta e Vado Vergara, iniciada em 2021, a qual tem se manifestado em instalações, plantios, audiovisuais entre outras ações artísticas que ocorrem em espaços públicos a céu aberto e institucionais (públicos ou privados). Informações sobre o Ecomuseu Urbano podem ser encontradas em @ecomuseurbano e em Revista Valise – Ano 13, v. 13, n. 1 (jul. 2023) – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. ISSN 2236-1375 (versão online). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/issue/view/4861/1285>. Acesso em: 22 abr. 2024

ⁱⁱ Ao pensar o urbano como um bioma, e aproximar a cidade, enquanto dinâmicas, fluxos e interações, a um organismo vivo, nos ancoramos na definição de "vivo" trazido por Humberto Maturana e Francisco Varela: "... o ser vivo não é um conjunto de moléculas, mas uma dinâmica molecular, um processo que acontece como unidade separada e singular como resultado do operar, e no operar, das diferentes classes de moléculas que a compõem, em um interjogo de interações e relações de proximidade que o especificam e realiza como uma rede fechada de câmbios e síntese moleculares que produzem a mesma classe de moléculas que as constitui, configurando uma dinâmica que ao mesmo tempo especifica em cada instante seus limites e extensão. É esta rede de produções de componentes que resulta fechada sobre si mesma porque os componentes que produz a constituem ao gerar as próprias dinâmicas de produções que a produziu e ao determinar sua extensão como um ente circunscrito através do qual existe um contínuo fluxo de elementos que se fazem e deixam de ser componentes segundo participam ou deixam de participar nesse rede, o que neste livro denominamos *autopoiese*. (MATURANA; VARELA, 1997, p.15)

ⁱⁱⁱ Thaise Nardim, ao analisar o trabalho de Allan Kaprow, aponta a transição feita pelo artista da noção de *happening* para o que ele denominou de *atividades*, em uma prática que se aproximou gradativamente da busca da diluição dos limites entre arte e vida. (NARDIM, 2011) Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/19892/12804>. Acesso em: 22 abr. 2024

^{iv} Maiores informações sobre o documento que autoriza o plantio em área pública em Porto Alegre estão disponíveis em: <https://prefeitura.poa.br/carta-de-servicos/autorizacao-para-plantio-de-arvore-em-calcada-publica-por-particular>. Acesso em: 22 abr. 2024

^v CLEMENTS, F.E. Research methods in Ecology. Nebraska: University Publishing Co., 1905.

^{vi} "Mas as palavras são ainda os principais instrumentos de controle. Sugestões são palavras. Persuasões são palavras. Ordens são palavras. Nenhuma máquina de controle desenvolvida até hoje pode operar sem palavras, e qualquer máquina de controle que pretenda tal feito, contando exclusivamente com a força externa ou com o controle físico da mente, encontrará em breve os limites do controle." (BURROUGHS, 2021, pp. 143-144)

^{vii} "O capitalismo financeirizado representa um modo historicamente específico de organizar a relação de uma economia capitalista com essas condições básicas indispensáveis. É uma forma de organização social profundamente predatória e instável, que libera a acumulação de capital das próprias restrições (políticas, ecológicas, sociais, morais) necessárias para sustentá-la ao longo do tempo. Libertada dessas restrições, a economia capitalista consome as próprias condições básicas que a possibilitam." (FRASER, 2020, pp.66-67)